

O HERALDO

Anúncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS: Semestre, 70 centavos (700 réis)
Número avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

MOÇOS

DE

PORTUGAL!

A linda e heroica terra de Portugal, a Patria gloriosa do valoroso D. Nuno Alvares, vai emfim prestar, nobre e generosamente, o seu auxilio e pagar o seu tributo de sangue á causa do Direito, da Razão e da Justiça, que o mundo culto anda de ha tempos empenhado em defender, em luta formidável contra a tirania militarista dos imperios centrais.

Assim o quer o bravo e bom português. Assim o querem todos aqueles filhos desta amada Patria que guardam no cerebro e no coração a memoria sagrada e inolvidavel dos audaciosos feitos dos seus antepassados. Assim o desejam os legitimos representantes duma raça de heróis. Bem que custe aos tarados a resolução sobremaneira digna e honrosa do Parlamento Português na sua historica sessão de 7 do corrente Portugal, o berço abençoado de Afonso de Albuquerque, vai derramar o sangue precioso dos seus mais diletos filhos ao lado daqueles povos que em luta terrível, defendem a Liberdade e a Civilização.

Para mim, que venho ha dois anos e meses falando em publico e escrevendo a favor da intervenção de Portugal na Guerra, demonstrando, como pôsso e como sei, as vantagens que de ahi virão para a nossa felicidade futura, e sobretudo para a manutenção da nossa independencia, de que tão ciosos eram os heroicos soldados de Aljubarrota, é me grato registrar estas linhas apagadas de brilho literario mas quentes de entusiasmo, o gesto alevantado e patriótico dos parlamentares portugueses.

Não ha nesta hora de Fé, de abnegação e de amor, quem não sinta pulsar fortemente o coração de entusiasmo e de Esperança.

E' chegado o momento decisivo e supremo da nossa razão de ser.

Môços de Portugal! Arrumai por momentos a um canto do vosso lar a enxada amiga e companheira; beijai, de joelhos as mãos tremulas das santas velhinhas vossas mães; abraçai com amor mas sem lagrimas as lindas mulheres vossas noivas e parti. A Patria exige agora o vosso sacrificio.

A Patria vos recompensará na volta, quando cobertos dos louros de Gloria, entrardes triunfantes e soberbos nos lares que, agora, foram abandonados e que se revestirão de galas e de sorrisos para vos receber.

Parti confiantes.

Tavira, VIII-916

RAUL POUSÃO RAMOS.

Crónica citadina

UMA EXPOSIÇÃO

Agora que as paredes das salas da Escola Industrial e Comercial desta cidade, deixaram de ostentar o seu vistoso revestimento de desenhos e que os interessantes lavores em estilo nipónico cessaram de espalhar naquele meio ambiente a nota finalmente exótica do seu bizarroismo inédito, chega-me, envolta em perfumes caros, uma carta de madame Stok, solicitando as minhas desculpas por só agora se ter lembrado de que recebera um convite para visitar a Exposição dos trabalhos dos alunos.—Madame é delicadíssima,—e perguntando-me, na sua letra impregada como galuchos em marcha, se não seria possível ir, agora mesmo, de fugida, numa destas tardinhas tépidas, ver aquele arraijal artistico.

Nem se imagina o meu desgosto perante um facto de tão simples apparencia! Não, minha querida Madame Stok, não é possível tornar em realidade o seu desejo, pelo facto simples de não existir já o motivo que suggestionava a sua retardada curiosidade, o seu inoportuno ataque de sensibilidade estética!

A exposição desfez-se, evaporou-se como um perfume caro; os desenhos voltaram já ás suas pastas e os lavores aos seus armários...

Que desgosto eu sinto, apesar de tudo, de que me não seja praticamente possível fazer ressurgir todo aquele pequenino mundo de coisas interessantes só para satisfazer a sua curiosidade mórbida... Só para que por ali volteassem as faleas azues dos seus olhos claros, querida Madame!

Mas não posso! Além de que seria algo causticante, seria uma afroz maçada, seria mesmo estabelecer um mau precedente e incitar toda a gente a assumir a pouco apreciavel qualidade de retardado, se eu, por qualquer forma, lhe pudesse satisfazer a respeitavel curiosidade, agora tão a deshoras revelada.

Creia, Madame Stok, que lamento sinceramente não poder aquiescer aos seus lousáveis desejos, e que me fica um profundo, um enorme desgosto por não ter a subida honra de ver V. Ex.ª entre a turba selecta dos visitantes.—(algumas senhoras ostentavam chapéus muito «chics» e vestidos «dernier cri»...) mas... acredite tambem, que eu, que tão perfeitamente a conheço e a admiro, Madame, sou o primeiro a classificar de minúsculo e insignificantisimo o seu pequenino atentado de lesa-estética.

Bem sei que, por nosso mal, exposições daquelas não se encontram por aí com a mesma facilidade com que se topa um «Adelaidinha», um vestido com os «godels» imperfeitos ou umas botinas com tres metros de salto, mas...—ha sempre um «mas» atenuador—V. Ex.ª, minha querida Madame Stok, mostrou bem, acentuou esplendidamente com o seu gesto, ou antes com a falta d'elle, que pertence a um país, onde raro floresce essa preciosa flor de perfume requintado, chamada «amor ás Artes», e no qual o ensino do Desenho tão descurado tem sido que se encontra, ainda hoje, para vergonha colectiva, confiado em grande parte a incompetentes e a «habilitados» ignorantissimos nos mais elementares principios pedagogicos relativos a tão importante factor do cultivo intelectual.

Esses barbaros videirinhos que, país em fóra, por escolas e liceus, por academias e ateneus vão estropeando as boas regras da mais perfeita das linguas universais são, minha adoravel Madame Stok, todos aqueles fariseus que, tolerados pela incompetencia dos dirigentes, se entregam á condenavel tarefa de atrofiar toda a vocação natural do triste aluno que lhes cai sob as mãos (vá lá mãos!) imperitas.

São esses diversos «blagueurs» do ensino que esmagam todas as iniciativas aproveitaveis—e todas o são—desalentando quantos infantes tracejam as primeiras garatujas, sob o peso bruto desta frase acianca:

«Falta de habilidade!»

Pensando eu assim, como não havia de relevar a sua falta, aprecíavel Madame? Isto não me impede de ter pena de que V. Ex.ª não tivesse honrado a tempo de ir visitar a Exposição que a sua presença tanto valorisaria...

Mas... olhe, minha querida Madame Stok, reserve para o ano toda a sua «boa vontade» e tenha a caridade de lembrar-me, a tempo, a conveniencia de enviar-lhe o meu convite... com um mês de antecedencia!

LYSTER FRANCO.

MIMOS...

Mulheres...

«E' raro que esse crime não seja um crime de assassinio. E' raro ainda que esse assassinio não seja o de uma mulher. Victimia habitual de todos os crimes passionais, a pobre Eva está pagando caro o pomo d'ouro da tentação, com que a figuravam os velhos icones bisantinos. Felizmente, as ultimas estatísticas demograficas veem tranquilizar-nos.

Dizem-nos que a população aumentou, que os analfabetos diminuíram, e que Portugal é precisamente o país da Europa onde a percentagem de mulheres é mais elevada: roo mulheres e meia para cada roo homens. Ainda bem. Podemos dormir descansados. Chegamos para aquelas que matamos,—e ainda sobram.

JULIO DANTAS.

IMPRENSA

«Alma Nova»

Conglobados em valioso numero especial, mais dois numeros desta patriótica revista acabam de sair. O presente, que completa o volume I do 2.º ano de publicação da «Alma Nova», digno de figurar ao lado das melhores publicações no genero, é uma brilhante demonstração do veemente empenho dos seus directores em fazer despertar no nosso meio o amor pelo saber, Artes e Belas-Letras, e pelas tão ignoradas belezas do nosso Portugal.

A elite de colaboradores do presente numero, que bem vale o nosso encarecimento e a nossa veneração, é representada pelos illustres escritores e poetas: sr. dr. Arlindo Camillo Monteiro, Chagas Franco, Albino Forjaz de Sampaio, Oldemiso Cezar, Candido Guerreiro, Pedro de Menezes, Antonio Ferro, Ramada Curto, dr. A. Bistoff etc., e pela Ex.ª e erudita senhora D. Conceição Eça de Melo, que apresenta um valioso estudo sobre o quasi esquecido escritor e notavel estadista Rebelo da Silva.

Na parte artistica figuram trabalhos em aguarela, desenho, pastel e escultura, de Alberto de Sousa, Eduardo Romero, Saevedra Machado, Martinho da Fonseca e Raul Xavier.

Este numero é de particular interesse para os algarvios, pelo muito que lhes diz respeito nas brilhantes 34 paginas, agora as separatas, que o constituem.

Ha tempos que não recebemos os nossos presados colegas «Mala da Europa», «Rituculos» e «Folha de Beja», que desde o nosso primeiro numero nos honravam com a sua permuta.

Terminou ha dias, brilhantemente o curso do magisterio primario na Escola Normal de Faro, a sr.ª D. Beatriz Guerreiro, irmã do nosso presado amigo sr. dr. Manuel Pedro Guerreiro.

As nossas felicitações.

Falta de espaço
A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a retirar varios artigos já com postos para este numero.

«ATLANTIDA»

Está á venda o 9.º numero deste magnifico mensario artistico literario e social para Portugal e Brazil, dirigido pelos illustres escritores João de Barros e João do Rio.

Preço \$25

JOSÉ DOMINGOS LOPES

Por ter terminado a sua comissão de serviço na Ilha da Madeira, regressou ha dias a esta cidade o nosso estimavel amigo e correligionario sr. José Domingos Lopes.

Escuela Industrial e Comercial

«Pedro Nunes»

colegas, locais, O Algarve e O Sul, as seguintes referencias que hoje arquivamos no «Heraldo» que muito nos penhoram e desvanecidamente lhes agradecemos.

Opinião da imprensa

Do «Algarve», n.º 438:

Foram expostos nesta escola os trabalhos escolares relativos ao ano lectivo findo. Duma rapida visita que fizemos a esta exposição trouxemos as melhores e mais consoladoras impressões. Lyster Franco, que proficientemente dirige esse útil estabelecimento de ensino, pôde orgulhar-se dos bons resultados obtidos pelos seus alunos, resultados que se evidenciaram iniludivelmente no brilhantissimo de inculção.

Desde o desenho geometrico á tela de arte, de modernos intuitos impressionistas, e dos simples bordados aos trabalhos de pirogravura e desenho á pena, em que são postas em destaque decididas vocações artisticas, nota-se bem palpavelmente o progresso e o desenvolvimento do ensino ministrado na escola referida, a qual de ano para ano vai conquistando novos e mais acentuados creditos.

Ao illustre director da Escola Industrial e Comercial Pedro Nunes, sr. Lyster Franco, apresentamos os nossos agradecimentos pela gentileza com que nos honrou, convidando-nos a visitar a referida exposição. E com estes agradecimentos, os nossos parabens pelo brilhante triunfo da sua iniciativa.

Do «Sul», n.º 225:

Abriu na quinta-feira ultima, nesta escola, a exposição dos trabalhos escolares relativos ao ano lectivo de 1915-1916. A exposição é muito interessante, revelando o magnifico aproveitamento dos alunos e a excelente orientação dos professores, em especial do director da escola, o sr. Lyster Franco, director do nosso colega «O Heraldo».

Visitaram a Exposição as sr.ªs:

D. Maria Julia Dias Nobre, D. Maria da Graça Candeias, Celeste Aurora Vairinho, D. Maria Amalia Mora Sanchez, D. Vilória Corrêa Azevedo, D. Maria Rita Candeias, D. Alice da Conceição Sequeira, D. Heliodora Barbara Martins, D. Tereza Felix, D. Francisca Felix, D. Alice Rosa Jacinto, D. Maria Galvão Ribeiro, D. Helena Medina Galvão, D. Maria Medina Galvão, D. Maria Lidia Corrêa Galvão, D. Deolinda Gomes Palmoeira, D. Maria da Natividade Peres Corrêa, D. Maria da Apresentação de Jesus Azevedo, D. Emilia da Conceição Carvalho, D. Cristina Marques, D. Concha O. Inso, D. Sarah Saraiva, D. Maria Soares dos Santos, D. Maria Aleixo Viegas Pereira, D. Inacia Maria Pimenta, D. Serafina da Luz, D. Maria das Dores Gomes Marques, D. Antonia Jacinto, D. Maria da Assunção Jacinto, D. Paulina Assis, D. Regelia Rita, D. Mariana Pinto, D. Maria do Patrocínio Corrêa, D. Maria da Conceição Martins, D. Maria Tereza Alvarenga de Lima, D. Maria Sanches de Bar

Educação Cívica

Ao Estado republicano cumpre o indeclinável dever de preparar a escola, logo no primeiro grau do ensino, com um bem estudado programa de educação cívica.

Ensinar os homens de amanhã, deixando-os na ignorância dos seus direitos e deveres, no desconhecimento da organização da família, da paróquia, do município, do distrito, do Estado, e de tudo que directa e indirectamente se relaciona com a vida social, — é um erro tremendo, uma espécie de calamidade pública.

Os alunos das nossas escolas conquistam o seu diploma de aprovação nos estudos primários, mas nem um só traz para a vida prática a mais pequena noção da vida civil, da organização administrativa, militar, financeira, política, etc., porque nos longos anos destinados à sua primeira educação os professores jamais lhes falaram de semelhantes coisas senão por forma rápida e superficial — os que falam — porque todo o tempo é pouco para lhes fazerem repetir de memória os afluente insignificantes dos reis, a série dos reis de todas as dinastias, os contos inverosímeis da bíblia e outras banalidades, impróprias de um sistema educativo.

São das escolas primárias os futuros cidadãos sabendo, apenas, e imperfeitamente, ler, escrever e contar, sem terem ouvido falar na soberania do povo que é a soberania da nação, no respeito pela liberdade dos outros, na igualdade perante a lei, no direito de ser nomeado para os cargos públicos, no dever de servir a pátria como soldado, na honrosa missão de ser jurado, no valor do sufrágio popular, no voto livre, na liberdade de consciência, no dever de pagar tributos, nas conquistas, em fim, das generosas revoluções que aos povos tem legado os benefícios da civilização.

E essa ignorância, que deveria começar a ser batida na escola primária, reflecte-se e continua na instrução secundária, e até nas escolas superiores, de onde saem homens para o comércio, para as indústrias, para todos os ramos de trabalho, que não se inscrevem no recenseamento eleitoral porque não sabem como fazer valer o seu direito, e são vítimas dos abusos das autoridades porque a esses abusos não sabem responder com a lei.

Acabar com isso é a primeira necessidade, a primeira revolução, a fazer nas leis e nas escolas.

Ao povo deve ensinar-se a amar a pátria, e a prestar-lhe o culto do seu respeito os seus grandes homens, nos seus monumentos, nos factos epicos da sua história e nas suas gloriosas tradições.

ros. D. Carmen Roldán de Ortigão, D. Maria Rodrigues Pego, D. Maria da Conceição Orvalho, D. Albertina Helena Amores Guerreiro, D. Maria Elisa Pinto, D. Alice Irene Ramos Pinto, D. Maria da Silva Vieira, D. Sebastiana Vaz, D. Ermelinda da Conceição Nobre Soares, D. Damasia de Jesus Nobre Soares, D. Virginia Corvo, D. Emilia Marcelino Ribeiro, D. Guilhermina Marcelino, D. Maria Julia dos Santos Marcelino, D. Maria da Conceição de Brito, D. Vitória Lucia Leiria, D. Laurinda da Conceição Nugas, D. Joaquina de Jesus Ernesto, D. Gestrudes do Nascimento Ramos Lopes, D. Maria José Ramos, D. Maria de Lourdes, D. Matilde Vaz, D. Maria do Carmo Vaz, D. Josefa Madeira Nobre, D. Ana Leogarda Madeiros, D. Maria das Dóres Gonçalves, D. Isabel de Sousa Lami, D. Maria do Carmo Lami, D. Anastacia Antunes Madeira, D. Vitoria de Sousa Pontes Lami, D. Maria dos Santos Valente de Castro, D. Maria da Conceição dos Santos Valente, D. Adélia de Jesus, Castro, D. Clotilde da Piedade Carriho Cavaco, D. Maria Francisca Cavaco, D. Maria de Jesus Viegas Silva, D. Alice de Jesus Viegas, D. Judith de Jesus Silva, D. Isabel dos Santos Fazenda, D. Maria dos Santos Fazenda, D. Ermelinda do Carmo Prazeres, D. Elvira Antonio Baíão, D. Alice dos Santos Fazenda, D. Palmira Sebastiana Gomes, D. Maria Isabel do Rio de Carvalho Cochado Martins, D. Florinda de Avila Ramos, D. Berta da Silva Bruschy, D. Maria José Virtuoso Neto, D. Joana de Jesus Gusmão, D. Imidia da Encarnação, D. Rosaria de Jesus Gusmão, D. Maria Griselda Evaristo, D. Antonia Rodrigues da Luz, D. Maria Pires, D. Laurinda Maria Pires, D. Maria Cristina do Rosário, D. Maria de Sousa, D. Francisca dos Santos Soares, D. Maria Campins Viegas, D. Elvira Tezeta Batista, D. Francisca de Jesus Campina, D. Maria da Graça Aleixo, D. Maria Francisca Alves de Freitas, D. Mariana José Teixeira, D. Beatriz Aurora Lucilia Teixeira, D. Maria José Pinto Lopes, D. Maria D. Maria Santana Flores de Barros, D. Rosalia Pereira, D. Lucia Freire, D. Isabel Freire Tavares, D. Maria Trigos, D. Maria da Conceição Machado, D. Maria Angela Vieira Branco, D. Aurelia Branco, D. Julia Calvo da Silva, D. Bernarda do Carmo Betinas, D. Ana Ramos Bandeira, D. Gremilda do Nascimento, D. Isabel de Sousa Marques Quaresma. (Continúa.)

POR ESSE MUNDO O casamento dum herói

Depois de atingido nos olhos pelos estilhaços de uma granada, casou-se ha dias em Bar-le-Duc um soldado francês com uma linda parisiense sua namorada de antes da guerra. Mesmo cegos, como este simpático herói, quantos não ha que amam! E quantas vezes não é o proprio amor uma cegueira!

O Rajá e a bailarina

Em telegrama de Algeciras, anuncia um jornal de Madrid terem ali chegado o rajá de Kapurtala e sua esposa, a ex-bailarina espanhola Ana Delgado. Deve ser linda a valer, uma bailarina que assim logra avassalar o coração de um fero rajá com o tremendo laço do matrimónio. Mas o correspondente do tal periodico, em vez de nos descrever a beleza da antiga celebridade dançarina, arrelentamente se limita a notar que ela levava um magnifico sombrero cordobez masculino.

Que desapontamento para os leitores! E' como se alguém, apreciando e descrevendo um quadro notável, nada mais dissesse do que isto:

—Bela moldura, não ha duvida!

O coração dos cegos

Um redactor de «Maun», que ha dias entrou na casa dos convalides franceses e que um estilhago de granada privou da luz dos olhos, descreve-nos comovidamente a cerimonia da distribuição de medalhas a alguns dos internados. E' uma pagina enternecedora e tocante. Dando conta de uma conversa que teve com o director do asilo, o jornalista fala-nos depois da pasmosa facilidade com que os pobres cegos aprendem os mais variados officios e da esperança que todos eles afagam de poderem casar em breve. E' o proprio director que o declara:—Estão todos apaixonados!

Meu Deus! Como isto nos sensibiliza e comove! Ao passo que os olhos vãos choram a nostalgia das paisagens que não mais verão, uma luz nova illumina o coração desses desgraçados para o doce e amoroso sonho de um lar!

O uso das linguas

Os alemães acabam de proibir, dizem telegramas, o uso da lingua francesa na Alta-Alsacia; Daqui se conclue, evidentemente, que se os alemães proíbem, sob multa, o uso das linguas no seu territorio, é porque não tem falta delas. Mas então porque motivo nos dizem outras notícias também do estrangeiro que, receando a fome, o governo germanico ordenou se utilisassem nas cozinhas do imperio todas as linguas de vaca?

Mulheres operarias

Uma estatística recente nos ensina que ha em França 10.352.000 operarios constituindo quasi o terço da população desse país. Nesse numero contam-se 4.145.000 mulheres, cujo trabalho representa, em salarios, a soma de dois bilhões e quatrocentos e sessenta milhões de francos. Na Inglaterra, quatro milhões de mulheres dedicam-se ao trabalho; na Alemanha 6 milhões apenas, sendo o produto total dos salarios dessas operarias, avaliados em novecentos milhões.

O general Joffre

Um Arquivista de Rivesaltes forneceu agora a Imprensa notas curiosas sobre os antepassados de Joffre. Segundo essas informações, vê-se que o chefe da familia era em 1685 tanoeiro. Pouco importará a Joffre que chamem piebeus aos seus avós quando ele só por si nobilita, não sómente a sua familia, como todo um povo; toda uma raça!

OUTRO VELHO

Quatro Caixinhas

Quatro caixinhas resumem, Segundo diz a experiência, Das mulheres quasi sempre, As estações da existência.

A primeira em tenros anos, Guarda os doces rebugados; A segunda, ainda mais doces, As cartas dos namorados; A terceira, a terceira, Guarda depois, a terceira, Comprada cor, que pintando Vai na face, as falsas rosas Quando as outras murchando.

E por fim, quebrado o espelho, Chegando o tempo da lei, Toda a ternura se encerra Na caixinha do «Agnus Dei».

JOÃO DE LEMOS.

Automobilismo

Vejá-se na secção competente, o anuncio da importante Casa Santos, Limitada de Lisboa.

ESFINGES Perfil XVIII

Imaginal as fôrmas esbeltas do lirio estilizadas em donairoso vulto feminino e tereis o retrato exactissimo e completo da minha gentilissima perfilada de hoje.

No conjunto das suas feições correctas, animadas por uns olhos expressivos, vagamente melancolicos, accentua-se aquelle encanto especial, que caracteriza os mais belos tipos da arte modernista.

Estruturalmente, temos que procurar-lhe comparações entre as mais graciosas estatuetas de Tanagra ou entre as figuras de elegancia bizantina tão habilmente modernizadas pelo lapis, privilegiado em requintes de civilização, de Raffaelli.

Sem que me animem exageradas pressunções, poderia talvez apostar dobrado contra si, qual a mais adivinharam qual a... cujo retrato valorisa hoje esta galeria.

Se não decifráram já o seu nome, escusam de recorrer a misteriosos processos cabalísticos; basta que tenham a gentileza de ler até ao fim estas desprezenciosas linhas e logo terão a recompensa de tal trabalho.

Ampliarei os caracteristicos já enunciados, lembrando-vos que a gentil perfilada, cujo retrato vos estou mostrando, recitou, com muita naturalidade e graça, a linda poesia «A minha boneca», numa festa em beneficio da Liga Nacional de Instrução, nucleo de Faro, que se effectuou no Teatro Circo desta cidade, em Julho de 1912...

Por esta característica, que vale pela mais preciosa das indicações, todos decifram o perfil, não é verdade?

Antes assim.

Isto de perfis, quanto mais facilmente são reconhecidos mais agradam.

O que hoje tracejamos satisfaz a este requisito? Estará nestas desejaveis condições? Teem a palavra as nossas habituais e dedicadas leitoras.

FLAMINIO.

Foi muito apreciado o nosso ultimo perfil. Inúmeras opiniões nos foram dirigidas, umas de louvor e de incitamento, outras de censura por tanto termos demorado a inclusão da ultima gentilissima perfilada na galeria de honra de «O Herald».

Mea culpa...

Perdoem!

Nem todos os nomes ocorrem com a presteza desejada; nem todos os perfis podem ser tracejados ao mesmo tempo.

Como a ordem numerica desta galeria é perfectamente arbitraria, e todas as nossas Esfinges são igualmente dignas da singela homenagem que publicamente prestamos a gentileza que as distingue, legbrámos aquellas que por ventura não tenham ficado contentes com a ordem de inscrição, que o Acesso lhes assignou, a conveniência de tomarem para si o numero de que mais gostem e desde já nos comprometemos a alterar a ordem dos perfis quando eles, reunidos em volume chic, impresso em papel velino, e em tipo Elzevir, floreado e elegante, surgirem, sob uma forma definitiva, para o grande turbilhão da publicidade.

Entretanto, iremos publicando as respostas que nos forem dirigidas, dando sempre preferencia ás que se nos afiguram mais interessantes.

Sr. Redactor: Graciosissimo o perfil de Mademoiselle Luna Amram.

Conhecemo-la com extrema facilidade.

Um grupo de constantes leitoras.

Flaminio cumpriu, finalmente, a obrigação que a Estetica lhe impunha, (visto que se fez cronista da gentileza cittadina), de tracejar o perfil de Mademoiselle Luna Amram.

Uma estudiosa.

Muito parecido o perfil de Mademoiselle Luna Amram. Parabéns.

Corália.

A Esfinge do ultimo «Herald» não é Mademoiselle Júlia Guerreiro?

Pareceu-me. Também me pareceu Mademoiselle Luna Amram. Qual delas é?

Moura Encantada.

Muito bem traçado o perfil da minha afeicoadá amiga Luna Amram. Mil felicitações.

Raquel.

Além destes, e indicando também o nome de Mademoiselle Luna Amram, a nossa gentil perfilada, recebemos postais firmados por Juwelina, Estrela da Meia Noite, Uma Loura, Francesinha, Leonia, Stela, Violeta, Esmeralda, Mimí, Florélia, Aurinda, Lucinda, Carabii, Arlinda, Maria Ruiva, Fifi e Stela.

BELAS-LETRAS Antologia do Algarve POESIA

AS TRÊS QUADRAS DA VIDA

São tres quadras simplesmente,
Que formam minha saudade;
Essas em que resplendente,
Se desdobra a mocidade.

A primeira quando amei,
Com amor honesto e puro
E, num chôrmo, desenhei,
Bem ridente o meu futuro.

A segunda, que é ainda
Com que a minha alma mais goza,
Quando... aquela... que achei linda
Lhe dei o nome de esposa.

Terceira: que foi, talvez,
De todas, a de mais brilho,
Quando me chegou a vez
De beijar o primeiro filho.

Digo-o, de fronte serena,
Sem este encanto profundo,
Nem mesmo valia a pena
De nascer cá neste mundo!

Todos os mais... são prazeres
Que não passam afinal,
Nesta lucta de afazeres,
De inciente ornamental.

SALAZAR MOSCOSO! PROSA HISTÓRIAS INSOLITAS

LOUCURA DE AMOR

Mão amiga participou-me, pelo correio de hoje, a morte de um meu dilecto amigo: o escultor Alvaro de Lima.

Faleceu numa das mais afamadas casas de saúde, nos suburbios da Capital, aquella alma gentilissima a quem sorria o mais brilhante futuro.

Vitimo-o a loucura.

As lutas quotidianas para criar um nome, as esperanças contrariadas, os reveses sofridos, e mais ainda do que tudo isto, o despreso da mulher por quem se apaixonára, levaram-no a demencia precursora de uma morte que o arrebatou em plena mocidade.

Vivendo, exclusivamente, para a Arte a que se dedicára, Alvaro, antes de conhecer a mulher fatal, que devia endoidece-lo com o seu despreso, com a sua insensibilidade perante o fogo abrazante que o devorava, só tinha uma ambição: aureolar o seu nome de gloria.

Depois, ambicionou ser amado, quiz ver o seu affecto correspondido, possuir um coração abrasado na mesma chama, que comprehendesse o seu a sua historia, simples como todas as historias de amor, tem uns resaios de fábula, muito de apreciar em tempos tão prosaicos.

Moderno Pigmalião, apaixonou-se por Galatea, e se, como o escultor mitológico não, sentiu o inicio do seu amor ante o marmore de uma estatua, teve, a meu ver, desgraça ainda peor, visto que se enamorou perdidamente pela gentil mulher, que lhe servia de modelo.

Aura, — assim se chama a linda perfida, — depois de, com ternos olhares e prometedores sorrisos, ter ateado aquelle imenso affecto na alma do escultor, acolheu com arrogante indiferença a sua declaração de amor e, ella, creatura fragil e das mais accessiveis entre a sua classe, quiz passar por Vestal e zombou, escarninha, de quantas propostas Alvaro, com o espirito já perturbado, se lembrou de fazer-lhe.

Durou o idílio todo o tempo em que o moço escultor foi trabalhando na sua ultima estatua a que Aura servia de modelo.

Alvaro principiára aqulle estudo no intuito de esculpir no marmore todas as fôrmas capazes de sintetisar esse belo mito chamado Mulher, mas depois, num dos seus dias de desalento, por completo todas as esperanças e já quando o punha a certeza de que Aura não voltaria para junto d'ele, chamou «Indiferença» a sua estatua.

Cheguei a ver este trabalho, quando no ano findo estive em Lisboa: E' um bello trecho de escultura, magistralmente executado, e em que se adivinha que as mãos do artista trabalharam com devoção igual senão excedente aqulla com que oprimora Fra Angelico retratava a Virgem.

E', sem contestação, um dos melhores trabalhos da escultura moderna; o governo adquiriu-o para o Museu Nacional.

Alvaro, obtida a certeza de que Aura não lhe ligava a minima importancia, antes o escarnecia e desprezava, ao ponto de acolher, com uma gargalhada fria e cortante, a proposta de casamento com que o moço artista rematou as suas instancias, teve um violento acesso de loucura durante o qual destruiu a maior parte dos lindos e primorosos esbôcos que viviam na atmosfera de sonho do seu amplo atelier.

Só um pouquinho. O que representava a mulher fatal que o perdera. Dêse nem consentiu em separar-se, quando o internaram na casa de saúde em que faleceu.

A principio, no intervalo dos ataques, nos raros vislumbres de lucidez instantanea, que se succediam das crises furiosas, ficava-se a olhar fixamente a bella estatua, tendo a aflorar-lhe nos labios um sorriso de funda amargura.

Depois, com os progressos da doença, chegou a travar como marmore longos dialogos, em que predominavam frases desconexas mas apaixonadas. Não raro o viam beijar amorosamente a sua estatua, e pouco tempo antes de morrer, tendo o medico especialista, que o tratava, mandado retirar da vista do enfermo aqulle fantasma de uma felicidade perdida, Alvaro foi surpreendido a escrever longas, interminaveis e estradas cartas de amor, não a Aura, que partira para Paris com um pintor laureado, de quem se fizera modelo e amante, mas a estatua que a representava e que o pobre moço nas horas felizes tão amoravelmente modelára!

O amigo que me escreve e que piedosamente recolheu o espólio do infeliz escultor, fez distribuir pelos admiradores de Alvaro aqulleos documentos da mais furiosa ergotomania.

A mim, coube-me uma das ultimas cartas que ele escreveu: a que reproduzo como remate desta historia triste.

Por mais que me esforçasse, não consegui descortinar em toda aqulla sequencia de frases qualquer incoerencia de maior...

Ve-se, bem, que retratou o agonisar de um espirito, que se debate entre illusorias esperanças de uma felicidade impossivel,

mas francamente, talvez porque o amor é, na opinião de um fisiologista celebre, uma loucura latente, parece-me que a carta tanto podia escreve-la um louco como um de homem de juízo...

Mas, julguem-no quantos seguirem até ao fim este estendal de infortúnios.

Eis a carta de Alvaro á sua linda estatua «A Indiferença»:

Divina:

Todos os dias, e tambem hoje, me dominam desejos de conversar contigo, de falar-te por esta forma, contando-te mais uma vez a historia pungente e dolorida dos meus sofrimentos intimos, sofrimentos que te devo e pelos quais te beijo reconhecidamente as lindas mãos!

Levaram-te, arrebataram-te daqui, talvez porque não quizesse responder ás considerações que te apresentei. Porquê? Tanto duvidas do meu affecto que nem sequer lhe sacrificas uns vagos momentos!

Eu penso tanto em ti, tanto te ambiciono que nem sei traduzir toda a violencia das minhas aspirações!

A's vezes, parece-me que tenho o cerebro em fogo, um fogo ardentissimo que me devora em vida, entre horrocos dores, em que os meus pobres musculos se contraem affitiva e nervosamente!... Só me tranquilo quando te vejo.

Invade nesses momentos o meu espirito uma inefavel quietação e, como num sonho, apraz-me escutar a tua linda voz. Com que prazer infinito te ouço falar da nossa pequenina Aura! Deliciam-me as tuas palavras e, graças a elas, transponho facilmente este mundo de banalissimas realidades para viver, por instantes, em pleno dominio azul da illusão!

Uma filha do nosso affecto!

Ter o penhor vivo resultante da troca dos nossos beijos, da permuta dos nossos amplexos! Que delicioso sonho!

Ver-te e eu vejo-te em meu intimo, —açoehando ao seio essa criatuzinha adoravel, essa tão querida Flôr— Criança que é, que seria a nossa filha!

A nossa filha! Como é suave ao meu espirito a impressão que sinto ao escrever esta frase!

Ter eu, por tua dádiva e muito miúda, uma criança que representasse a resultante das nossas almas fundidas em beijos! Que sonho lindo!

Como eu o sinto a abalar-me profundamente o cerebro, como que a fazer-me despertar de novo, sob a influencia das minhas mais gratas esperanças, dos meus mais dourados devaneios!...

Mas! é tudo ficção! Tudo illusorio! Tudo loucura!

Tu, que de linda, não passas de um misero pedaço de marmore que o meu cinzel trabalhou com amor. Quis animar-te com o fogo dos meus beijos mas a tua frieza gelou-me os labios...

Quiz estreitar-te em meus braços e repeli-te-me de forma que me pareceu que o teu desprezo me envolvia todo em uma apertada rede de arame farpado!

E lembrar-me eu de que tu, simbolo de perfeição, surgiste do meu cerebro e és tão má, tão cruel, tão execravel, que nem pensas em restituir o fogo que lhe roubaste. Odeio-te!

Fizeram bem em levar-te da minha presença, em furtar-te á minha ira.

Se aqui estivesse, agora, nesta hora de desespero e destruição, quebrava-te, desfazia-te com um macete de ferro!

E' que, querendo fazer-te de barro fragil, vejo agora que te modeliei em lama e como tal tenho pressa em restituir-te ao lodaçal donde provens!...

Como eu te amo, lindissima perfida!...

Seguem-se frases escritas de tal forma que nem logrei compreendê-las. Para justificar a loucura de amor em que o aditoso Alvaro se debateu até á morte, basta o que fica transcrito e onde, entre mil devaneios, ora serenos como um deslizar de nuvens em dias calmos, ora candentes e furiosos, como um alucinação infernal, prepassa de todo um perfume de affecto digno talvez de melhor sorte...

LYSTER FRANCO.

PALAVRAS ANTIGAS

De saber as coisas a passar por elas ha mais differença que de consolar a ser consolado.

Luis de Camões.

Qua'quer homem tem tres patrias; uma da origem, outra da natureza e outra do direito.

Padre Manuel Bernardes.

VELHARIAS...

O QUE SE TEM DITO DA MULHER

O primeiro dever da mulher é ser bonita.

Arlincourt.

Os homens dizem mais mal das mulheres do que o mal que delas pensam; as mulheres fazem exactamente o contrario.

Beauchêne.

Menos peixes tem o mar e menos estrelas o céu, que malicia a mulher.

Codro.

As mulheres estão sujeitas a uma ferocidade epidémica. O exemplo de uma só arrasta a multidão.

Só a primeira é criminosa; as outras são enfermos. Oh! mulheres! Sois crianças bem extraordinárias!

Diderot.

A maior parte das mulheres quer antes ver difamada a sua virtude do que o seu espirito ou a sua beleza.

Fontenelle.

Reconhece-se uma mulher de merecimento por este sinal: se o marido desaparece, passa ella a ser o pai dos seus filhos.

Goethe.

O idolo da mulher não é o homem, é a moda.

Heine.

As mulheres tem o genio da caridade. Um homem, quando dá, só dá o seu ouro, mas a mulher ajunta o seu coração.

E. Legouvé.

A mulher é um formoso defeito de natureza.

Milton.

A mulher que nunca amou outro homem senão seu marido, é mais rara do que a perola azul.

P. Musset.

A GRAÇA ALHEIA

NUM THEATRO DA CAPITAL

—Minha senhora, V. Ex.^a obsequia-me tirando o seu chapéu?

—Não senhor.

—Mas, eu paguei dois mil reis pelo meu lugar, para vêr.

—Pois eu paguei dois mil reis pelo meu chapéu para que mo vissem.

Coisas uteis

Agua de toucador

Ha varias maneiras de preparar este produto, usado para aromatizar a agua em que nos lavamos.

Uma das melhores receitas é a seguinte: põem-se de infusão 800 gramas de alcool de 22 graus, dez gramas de benjoim, dez gramas de incenso e dez gramas de goma arabica, cinco de cravo da India, cinco de nóz moscada, quinze de amendoas doces, quinze de iris de Florença, dez gotas de essencia de rosas, dez gotas de bergamota, dez gotas de essencia de limão e dez gotas de essencia de laranja.

Passados doze dias decanta-se a mistura, espreme-se o deposito, filtra-se o liquido e guarda-se em frascos bem rolhados.

A ortiga

A ortiga, sendo uma planta que se adapta e cresce abundantemente por toda a parte, se exceptuarmos os terrenos demasiados secos, é uma das plantas vulgares de maior utilidade, e apesar disso das menos utilizadas.

A ortiga mais vulgar entre nós é a *Urtica lusitânica* (Brotero); mas tambem se dá, entre outras variedades, a *Urtica dioica* (Lénu) que é, segundo varios autores, a mais aproveitavel como planta furraginosa. Dá um optimo feno, que pode cortar-se duas vezes por anno.

Depois de segada deve deixar-se secar um pouco, para perder a acção irritante dos picos que a revestem. Assim preparada, o gado come-a perfeitamente, misturada com feno.

Em verde e emquanto nova, a ortiga fornece, em folhas, um delicado legume; depois de completamente desenvolvida fornece uma filaza abundante e forte que não sómente serve para tecidos, mas para massa de papel.

Além disso, esta planta é um bom alimento para as aves de capoeira, produzindo um notavel aumento de postura.

Pelo que fica exposto, vê-se bem que, apesar da sua humidade, que tantos despresos lhe concilia, a ortiga pertence ao rol das plantas uteis.

A Elegante

Rodolfo Silva

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Péles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

REMEDIO FRANCÊS



Por esse Algarve

Almanell

Fizeram exame do 1.^o grau, ficando optimas, as meninas Amélia da Cruz Correia Pencarilha, filha do nosso amigo Antonio de Sousa Pencarilha, e Maria Luiza Correia Ramos.

As nossas felicitações. —Foram á feira de Beja os nossos amigos e correligionarios Francisco Ricardo Barbara e Ricardo José Barbara, das Pereiras.

—Já regressaram de Tavira, para onde tinham ido a banhos, o nosso velho amigo José de Brito da Mana e sua esposa e a sr.^a D. Maria da Conceição Cristóvão.

Castro Marim

O professor da escola movel da Junqueira, deste concelho, habilitou em menos de seis a nove meses, vinte e nove alunos a ler, escrever e contar, sendo quinze do curso diurno e catorze do nocturno. O professor apesar de lutar com enormes dificuldades e ter sido um benemerito, comprando livros e outros premios escolares para os alunos, organizando festas patrioticas e republicanas, não descurou os melhoramentos locais, e beneficiou a pobreza, conseguindo em pouco tempo a simpatia deste povo honesto e trabalhador, que entregou representações á Junta da Paroquia da Irmandade de Castro Marim, á Commissão «Os Amigos da Escola» á Camara Municipal deste concelho e enviou um telegrama ao Inspector das Escolas Moveis pedindo para a escola movel funcionar mais um ano nesta localidade sob a regencia do seu actual professor sr. Antonio Maria da Silva Pereira de Lima, que deixa alguns alunos habilitados a fazerem exame no proximo anno. Terminou a missão com uma festa brilhantissima organizada pela Commissão «Os Amigos da Escola», com distribuição de vestuario aos alunos e um delicado copo de agua. Foi muito ovacionado o professor, a Republica, a Patria, as nações aliadas, o Presidente da Republica, o governo nacional, Camara Municipal deste concelho, e o Ex.^o sr. João Bernardo Gomes, Inspector das Escolas Moveis, dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, chefe da repartição Primária, Francisco Pereira de Carvalho, o Inspector do Circulo Escolar de Tavira pelo seu grande interesse pelas escolas moveis no Circulo Escolar de Tavira.

Junqueira

A commissão «Os Amigos da Escola», enviou officios de agradecimento ao sr. dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, digno Chefe da Repartição de Instrução Primária, e ao sr. João Bernardo Gomes, Inspector das Escolas Moveis, por estes srs. se terem interessado pelo subsidio de doze escudos, concedido pelo Governo para beneficio dos alunos pobres mais applicados no estudo e que frequentaram a escola movel nesta localidade com a maior regularidade. Assim comprovaram estes srs. mais uma vez a sua benemerencia e dedicacão pelos pobres que se desejam instruir e educar. —Retirou para Faro em góso de férias a illustre professora da escola movel de S. Bartolomeu, deste concelho, a sr.^a D. Maria da Encarnação Faria que este anno apresentou dois alunos a exame, do curso do aperfeiçoamento, obtendo um a classificação de otimo e outro a de sufficiente.

LOULÉ

—A sr.^a D. Branca de Oliveira, professora da escola movel de Odeleite, apresentou 25 provas finais dos alunos do curso diurno.

—Encontram-se doente a chefe da estação telegrafo-postal desta vila sr.^a D. Maria da Encarnação Reis, e a esposa do sr. José Nogueira da Silva.

Estimamos completo restabelecimento.

—Faleceu a menina Josefina da Encarnação Daniel dos Reis, filha de Janeiro Luis dos Reis e de D. Amélia Daniel dos Reis, sobrinha de D. Maria Saúle Reis, professora official nesta vila e D. Maria da Encarnação Reis, chefe da estação telegrafo-postal, em Castro Marim. A gentil criança contava 9 annos de idade e faleceu na vila de Olhão causando a sua morte o mais doloroso sentimento. A sua familia sentidas condolencias.

Lagos

Pelas duas horas do dia 9, na rua Gil Vicente, em frente do teatro do mesmo nome, manifestou-se incendio numa casa terrea, pertencente a um aguadeiro de nome Augusto Oliveira.

Os prejuizos causados foram pequenos em consequencia de apparecer muita gente aprestar socorro distinguindo-se os srs. Bento Veiga, José Veiga e Antonio Cordeiro, que trabalharam activamente para extinguir o incendio.

Loulé

Corre aqui geral descontentamento pela forma brusca e deprimente como o encarregado da estação telegrafo-postal trata o publico. É bastante condenavel o seu procedimento, por quanto o funcionario tem que restringir-se ao cumprimento do seu dever, tratando o povo de maneira bem diversa daquela com que, segundo é notorio a toda a gente, que tenha ido aquela estação, o sr. encarregado o tem tratado até esta data.

O povo não se quer com asperzeza; quer-se com o respeito tal qual deve ser imposto.

Mais nos consta que os carteiros fizeram uma representação, que, segundo provas evidentes e positivas, talvez seja a causa da transferencia de todos eles.

Esperamos pelo proximo numero porque, nesse, o assumto ha-de ser mais circunstanciadamente tratado, o que não se fez agora por absoluta falta de espaço.

NOTICIARIO

A commissão de avaliação para o serviço de requisições militares no districto de Faro, ficou constituída da seguinte forma:

Antonio Moreira de Sousa, capitão do quadro de reserva; Francisco de Assis Crispim, capitão do quadro de reserva, secretario; Francisco Augusto da Silveira Almeida Vilhena, proprietario, presidente; Antonio Martins Paula, farmaceutico; José Alexandre da Fonseca, proprietario, vogais.

—Partiu com sua familia para Melgaço o sr. dr. Marreiros Neto, deputado pelo Algarve.

—Pelo ministerio do fomento foi permitido ao da marinha construir um farol na costa de Vila Real de Santo Antonio e respectiva estrada de acesso.

—Já foi á assinatura presidencial o decreto aprovando os estatutos das associações de Classe dos Operarios da Construção Civil de S. Braz de Alportel.

—O Diario do Governo publicou uma portaria encarregando o chefe dos serviços zootecnicos do sr. sr. Ludovico Caeetano de Menezes, de substituir o director do Posto Zootecnico de Lisboa durante o seu impedimento no serviço do exercito.

—Partiu para Lisboa o engenheiro de minas sr. Manuel Gomes Ribeiro, que segue brevemente para o Gerez, onde vai fazer uso das aguas.

—Partiram no dia 18 para a Praia da Rocha, as sr.^{as} D. Izabel Francisca Nogueira e D. Maria Jacinta Garcia.

—Acompanhado de sua esposa partiu ontem para Lisboa o professor sr. João Rodrigues Aragão, digno director da Escola Normal desta cidade.

—Tambem partiu para aquela cidade a distinta professora sr.^a D. Ermelinda Soares.

—Acompanhado de sua esposa e filhos partiu para as Pedras Salgadas, o sr. dr. João Lopes Garcia Reis.

—Foi nomeado ajudante da Conservatoria de Estoi o sr. Francisco de Sousa Eusebio.

—Foi nomeado, em commissão, administrador substituto deste concelho o major do quadro de reserva sr. Romão José Infante de Sequeira Soares, que já tomou posse do seu cargo.

—Foi nomeado notario nesta cidade, o sr. dr. José Francisco de Paula Mendonça.

—Parte brevemente para Lisboa, o habil clinico sr. dr. João da Silva Nobre.

—Retirou para Lisboa o nosso amigo sr. Antonio Maria da Silva Pereira de Lima, conceituado professor da escola movel da Junqueira.

—Sendo insufficiente o numero de funcionarios encarregados da censura postal, foram convidados os officios do activo, reserva ou reformados que conheçam bem as linguas inglesa e franceza para desempenhar este serviço.

—Entre outros, aceitou o convite o tenente meliciano de infantaria 33, sr. Francisco Simões da Fonseca Vivaldo.

—Foi colocado 3.^o batalhão de infantaria n.^o 4 e nomeado comandante do grupo de batalhões (2.^o e 3.^o) em Tavira, onde já se encontra, o major sr. Sante de Lemos.

—Inscreveram-se como socios ordinarios dos «Amigos do Jardim Zoologico» de Lisboa, o sr. José de Mendonça Brandeiro, desta cidade e nosso amigo e correligionario sr. dr. João Pedro de Sousa, illustre deputado por este circulo.

—Partiram para Pera a sr.^a D. Maria Cid Crispim e mademoiselle Maria Alzira Cid Rey Luna Crispim, esposa e filha do capitão reformado sr. Francisco Assis Crispim.

Carteira

Façam anos:

Hoje, Domingo, 20 —D. Eugénia Lobo da Horta Marques, D. Antonio de Sousa e Silva, Elias A. Sabath e João da Graça Evaristo.

Segunda-feira, 21 —D. Lucília Franco Julico, D. Joana da Silva Barreira, João Alexandre da Fonseca e José Domingos Furtado de Mendonça.

Terça-feira, 22 —D. Lucinda de Jesus Gonçalves Móra, D. Ana Camilla de Sousa Fernandes, José Franco Pereira de Matos, Antonio Alfredo Moreira e Manuel Maria Teixeira.

Quarta-feira, 23 —D. Carminda da Silva Pereira, D. Maria Isabel Moreno, Joaquim José Alves, Luiz Candido da Silva e Jacinto de Melo.

Quinta-feira, 24 —D. Mariana Augusta Barreiros, D. Laura Xavier, João Afonso Matos, João Eusebio Malrela e Joaquim Antonio Viegas.

Sexta-feira, 25 —D. Ana Coelho Vilhena de Melo Sampaio, D. Maria da Silva Teixeira, dr. João de Deus Bata-glia Ramos e Afonso da Silva Antunes.

Sabado, 26 —Constantino de Bivar Cumano e Alfredo Napoleão dos Santos.

Casamentos:

Pelo sr. Manoel de Jesus Belmarço foi pedida em casamento para seu filho, sr. Hugo Belmarço, a mão da sr.^a D. Maria José de Barros, gentilissima filha dos srs. viscondes de Alvelos.

Doentes:

As Senhoras D. Maria Corpes, D. Maria Ramos Pinto, D. Tomazia dos Reis Queiroz e D. Maria Santana.

Os Senhores Henrique Mateus Gusnado, Antonio Martins Ramos e um filho do sr. José Antonio Alexandre.

Desejamos-lhes prontas melhoras.

Necrologia

Faleceu em Lagos, vitimado pela tuberculose, o sr. Francisco Rodrigues dos Santos, de 18 annos, estudante, que foi aluno, dos mais distintos, do Liceo desta cidade.

NOVIDADES LITTERARIAS

ALMANACH BERTRAND

PARA 1917

Está á venda este bem redigido Almanach, um dos mais apreciados de Portugal.

(Brochado — 50 cent.
Cartonado — 80
Marroquim — 1.00

Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 73
Lisboa

TINA

Em segunda mão, vende-se

Rua da Cabanita, 33—Faro.

JOSÉ SOLA

AFINADOR E REPARADOR

de todo genero de pianos

RUA CAMÕES, 17 OLHÃO

